

# Chapeuzinho Vermelho: caminhos percorridos

## *Little Red Riding Hood: paths taken*

DENISE DIAS DE CARVALHO SOUSA

Universidade do Estado da Bahia



**Resumo:** Este ensaio tem o objetivo de analisar a estrutura do conto de fadas com base no caminho percorrido por Chapeuzinho Vermelho em três versões: a de Perrault, a dos irmãos Grimm e a de Chico Buarque, tendo como focos principais as ações de Chapeuzinho e a presença do lobo. As versões serão retomadas numa perspectiva intertextual, levando em consideração a “ordem” e a “partida” associada a uma “busca”, elementos dos contos maravilhosos, classificados por Propp (2006) como invariantes. Além disso, servirão como ponto de partida para a discussão o contexto histórico-social no qual os autores estavam inseridos quando publicaram sua versão e possíveis motivos que os levaram a decidir por inclusão ou exclusão de personagens, elementos, ações e desfechos.

**Palavras-chave:** Conto de Fadas; Chapeuzinho Vermelho; Perrault; Irmãos Grimm; Chico Buarque

**Abstract:** This paper aims to analyze the structure of the fairy tale based on the path taken by Little Red Riding Hood in three versions: the Perrault, the Grimm brothers and Chico Buarque, the main focus of the actions and Hood the presence of the wolf. The versions will be taken over in a intertextual perspective, taking into account the “order” and “start” associated with “search”, elements of the wonderful tales, ranked by Propp (2006) as invariant. In addition, they serve as a starting point for discussion the historical and social context in which the authors were entered when published its version and possible reasons that led them to decide for inclusion or exclusion of characters, elements, actions and outcomes.

**Keywords:** Fairy Tale; Little Red Riding Hood; Perrault; Brothers Grimm; Chico Buarque

A história de Chapeuzinho Vermelho é uma das mais antigas, conhecidas e adoradas por crianças e adultos de todo o mundo. Parece que seu enredo encanta diante de tantas outras que lhe são mais hodiernas, a ponto de ser tão lida, revisitada e reescrita. Na segunda edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*<sup>1</sup>, por exemplo, foi citado como terceiro livro mais importante na vida dos leitores.

Por conta de novos paradigmas que são criados, instaurando outras “verdades”, as quais nos levam a repensar sobre os significados dos textos fundadores, procurarei neste ensaio analisar a estrutura do conto de fadas a partir do caminho percorrido por Chapeuzinho Vermelho em três versões: a de Charles Perrault<sup>2</sup>, a dos

irmãos Grimm<sup>3</sup> e a de Chico Buarque<sup>4</sup>, tendo como focos principais as ações de Chapeuzinho e a presença do lobo. Ao mesmo tempo, estarei estabelecendo uma relação intertextual entre as três versões. Chamarei de versões tradicionais *Chapeuzinho Vermelho*, de Perrault e dos Grimm, e versão contemporânea *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque.

Para situar o leitor em relação ao conto em análise, seus autores e suas versões, apresentarei, inicialmente, dados elucidativos em relação à origem do conto de fadas, em especial a história de *Chapeuzinho Vermelho*, à nacionalidade de cada autor, contexto histórico-social no qual estavam inseridos quando publicaram sua versão e possíveis motivos que os levaram a decidir por inclusão ou exclusão de personagens, elementos, ações e desfechos distintos.

<sup>1</sup> A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* é iniciativa do Instituto Pró-Livro e teve como objetivo principal na segunda edição aprofundar a investigação sobre diferentes aspectos da leitura no país. Ver pesquisa completa em: AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil* (2008).

<sup>2</sup> PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

<sup>3</sup> GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Chapeuzinho Vermelho*. Trad. Tatiana Belinky. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

<sup>4</sup> BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.



Não se sabe ao certo quando e onde surgiram os contos de fadas. Alguns pesquisadores, como afirma Nelly Coelho (2008), acreditam que a origem seja celta, na época da Idade Média, com fins de alertar às crianças sobre os perigos oferecidos pela floresta. Segundo Bruno Bettelheim (1980), autor que vê nos contos de fadas um caminho para superação dos problemas psicológicos da criança<sup>5</sup>, o tema de Chapeuzinho pode ser recuperado na antiguidade a partir da mitologia grega. Chronos, deus da agricultura e do tempo, engole os filhos, que, de forma encantada, conseguem sair de seu estômago, colocando pedras em seus lugares.

Entretanto, foi Charles Perrault (1628-1703), escritor francês, inspirado nas histórias contadas por suas amas-de-leite, no séc. XVII, o primeiro a realizar adaptação literária de *Chapeuzinho Vermelho* (1697), o qual foi publicado em *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades*, mais conhecido como *Contos da Mamã Gansa*. Em sua versão, diferente da que lhe fora contada, não permitiu que a heroína escapasse das garras do lobo. Perrault sempre terminava seus relatos com uma moral, que era apresentada em versos. O cunho moralista nessa versão é compreensível, visto que na época em que foi publicada a criança era vista como um adulto em miniatura, que precisava de ensinamentos para não se desvirtuar das normas e valores estabelecidos pelos pais e sociedade. No caso do conto *Chapeuzinho Vermelho*, o final trágico serviria para alertar às moças de homens sedutores, envolventes e sagazes.

Mais de cem anos depois da publicação desse conto por Perrault, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), na Alemanha, publicam *Chapeuzinho Vermelho* (1812). Assim como Perrault, os Grimm recolheram da memória popular as antigas narrativas, conservadas por tradição oral, o que nos faz acreditar numa fonte comum europeia. Segundo o psicólogo alemão Adolf Bastian (apud COELHO, 2008), as semelhanças encontradas nas narrativas maravilhosas seriam provenientes de um “fundo psicológico” comum a todos os seres humanos, o que Jung (1999) mais tarde chamaria de “inconsciente coletivo”. Os irmãos Grimm nessa época viviam o Romantismo, período que reflete um sentimento muito forte de humanidade, o que explicaria a ausência de violência no desfecho de *Chapeuzinho*, que acaba sendo salva pelo caçador, juntamente com sua avó. Ao optar por uma temática mágica e encantadora, suas

versões e histórias foram mais acolhidas por adultos e crianças do mundo inteiro.

No Brasil, em 1979, fase final do regime autoritário, Chico Buarque de Holanda, cantor, compositor e escritor, revisita os contos tradicionais e publica *Chapeuzinho Amarelo*. Diferente de Perrault e dos irmãos Grimm, que não escreveram para crianças, teve como público-alvo o infantil. Entretanto, realizando uma leitura mais voltada para o contexto histórico-social, como uma resposta à ditadura, *Chapeuzinho Amarelo* pode ser entendido como uma metáfora ao “cala boca” da época, cuja liberdade de expressão não fazia parte da vida dos brasileiros, mas que deveria ser reivindicada através da subversão.

Numa perspectiva literária, os contos de fadas tratam de questões universais do ser humano, como conflitos internos (formação de valores), medo do desconhecido, carências afetivas e materiais, autoconhecimento – marcas que os tornam fascinantes e imortais. As fadas representam seres sobrenaturais sob forma de mulher e aparecem com o intuito de ajudar a resolver uma situação difícil. Contudo, podem surgir numa representação do Mal. Nesse caso, são conhecidas como bruxas. Apesar de ser intitulado como contos de fadas, a presença da fada nesse tipo de história não é obrigatória. Em *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, não há presença de fada.

De modo geral, esse tipo de conto se inicia com “Era uma vez...” e mantém uma estrutura fixa, ou seja, gira em torno de uma problemática, a qual desestabiliza o ambiente tranquilo do(a) herói/heroína. O desenvolvimento resume-se na busca de soluções, no plano da fantasia, o que possibilita a inserção de elementos mágicos. No caso de *Chapeuzinho Vermelho*, o elemento mágico é a presença do lobo que fala. O desfecho incide em finais felizes, que refletem a superação dos obstáculos pelo(a) herói/heroína através de suas ações. A versão de Perrault, por apresentar um final infeliz, não é considerada um conto de fadas e sim um conto maravilhoso. É válido ressaltar que alguns estudiosos preferem chamar esse tipo de narrativa de conto maravilhoso por causa da inclusão do elemento mágico à situação apresentada.

Levando em consideração os elementos caracterizadores dos contos maravilhosos elencados por Wladimir Propp (2006)<sup>6</sup>, em invariantes (a “ordem” e a “partida” associada a uma “busca”), podemos definir as ações de Chapeuzinho em Perrault (A), Grimm (B) e Buarque (C) da seguinte forma:

<sup>5</sup> Ver estudo completo sobre os contos de fadas e sua relação com questões existenciais em: BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas* (1980).

<sup>6</sup> Folclorista russo que desenvolve o método de análise das ações das personagens, com o intuito de definir o conto maravilhoso como gênero. Ver teoria completa em: PROPP, Wladimir. *Morfologia do conto maravilhoso* (2006).

## 1. Interdição

A – A mãe de Chapeuzinho a manda levar um bolinho e um potinho de manteiga para a vovó. Chapeuzinho parte:

Um dia, a mãe preparou uns bolinhos e lhe disse: – Vá ver como a vovó está passando, pois me contaram que ela estava doente. Leve para ela um bolinho e este potinho de manteiga. Chapeuzinho Vermelho seguiu então para a casa da avozinha, que morava em outra aldeia (PERRAULT, 2007, p.4).

B – A mãe de Chapeuzinho a manda levar um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para a vovó. Chapeuzinho parte:

Certo dia, sua mãe lhe disse: – Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva isto para a vovó; ela está doente e fraca e se fortalecerá. (...) – Vou fazer tudo como se deve – disse Chapeuzinho Vermelho à mãe, dando-lhe a mão como promessa (GRIMM, 2008, p.4).

A ordem é obedecida por Chapeuzinho nas duas versões. Seria o desígnio, a mudança da heroína, seu amadurecimento.

C – Chapeuzinho Amarelo, condicionada pelos seus pensamentos, parte em busca do lobo:

E Chapeuzinho Amarelo,  
de tanto pensar no LOBO,  
de tanto sonhar com o LOBO,  
de tanto esperar o LOBO,  
um dia topou com ele (BUARQUE, 2010, p. 10).

Ao sair de casa por iniciativa própria, Chapeuzinho Amarelo demonstra autonomia; diferente da Chapeuzinho das outras duas versões. Entretanto, assim como a heroína dos Grimm que precisou estar em contato com o desconhecido para crescer (a floresta), a heroína moderna precisa sair de casa para enfrentar seus medos.

## 2. Transgressão

A – A mãe de Chapeuzinho não faz nenhuma recomendação para que a menina chegue à casa da vovó.

B – A mãe de Chapeuzinho faz várias orientações:

Sai antes que comece a esquentar; e quando saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podes cair e quebrar o vidro e a vovó ficará sem nada. E quando chegares lá, não te esqueças de dizer bom dia, e não fiques espiando por todos os cantos (GRIMM, 2008, p.4).

Somente na versão dos Grimm percebe-se que houve uma transgressão por parte de Chapeuzinho. Por escutar o Lobo, saiu do caminho à procura de flores, deixando, dessa forma, tempo suficiente para o animal chegar primeiro à casa da vovó. Ao romper as ordens dadas pela mãe, Chapeuzinho passa a transitar por caminhos desconhecidos e perigosos, mas é a partir desse momento que começará a encontrar respostas aos conflitos internos, alcançando a maturidade.

Em Perrault, não se percebe transgressão, visto que Chapeuzinho não fora orientada em relação ao seu comportamento.

C – A transgressão de Chapeuzinho Amarelo pode ser identificada a partir do momento em que ela resolve sair de casa para enfrentar os perigos que já conhece.

O simbólico faz parte da vida do ser humano, seja no âmbito familiar ou social, mobilizando de maneira afetiva seus atos (LAPLANTINE e TRINDADE, 1997). Isto é, são os símbolos que possibilitam o surgimento de diversos sentimentos (medo, angústia, felicidade, repugnância, etc.) a partir de experiências cotidianas. Quando em *Chapeuzinho Vermelho*, versão tradicional, o Lobo engana Chapeuzinho, engole a vovó e depois a própria Chapeuzinho, a imagem construída para esse bicho por conta de suas ações, em especial pelas crianças, é a da maldade, que, por sua vez, gera um sentimento de medo. Na literatura, o medo é considerado um arquétipo, fenômeno que faz parte da esfera do espírito ou do psiquismo humano. Assim, percebe-se que o lobo criado por Chapeuzinho Amarelo é aquele que representa o imaginário infantil a partir das histórias lidas/escutadas:

O medo mais que medonho  
era o medo do tal LOBO.  
Um LOBO que nunca se via,  
que morava lá pra longe,  
do outro lado da montanha,  
num buraco da Alemanha,  
cheio de teia de aranha,  
numa terra tão estranha,  
que vai ver que o tal do LOBO  
nem existia (BUARQUE, 2010, p. 6).

Trata-se da referência que ela está usando para compreender-se, para elaborar suas angústias ainda não resolvidas. Chapeuzinho Amarelo transgred baseando-se na mobilização da imagem construída, e para revê-la, modificá-la ou libertar-se dela, precisa vivenciá-la. Tal atitude significa o desvencilhamento das primeiras imagens acerca do imaginário constituído.

Ademais, é perceptível nas versões tradicionais que Chapeuzinho tem o amparo da família e que há um bom

relacionamento familiar: uma mãe muito cuidadosa, que envia a filha para uma visita à casa da avó doente. Entretanto, apresenta-se desprotegida por essa família: nenhum adulto lhe dá orientações sobre os perigos da floresta e a possibilidade de se deparar com um bicho maléfico. Observa-se, também, nessas versões, a união de dois pólos: a infância e a velhice, mas apenas se aponta a ingenuidade infantil de Chapeuzinho, excluindo a experiência e a sabedoria dos mais velhos, no caso a avó, visto que esta é bastante passiva.

Já na versão moderna, não se mencionam membros da família. Chapeuzinho age sozinha o tempo todo. Ela encara seus medos sem auxílio de parentes, o que pode ser compreendido de duas formas: por viver num mundo onde a comunicação se expande rapidamente, já dispõe de informações sobre os perigos do mundo lá fora, sabendo, dessa forma, o que poderá encontrar no seu caminho. Por outro lado, essa realidade pode ser o reflexo de uma sociedade pós-moderna solitária, na qual todos, mesmo juntos, estão sempre sós por conta de suas atividades profissionais.

### 3. Decisão: cumplicidade involuntária

A – Chapeuzinho obedece a todas as ordens do Lobo. Primeiro, na floresta, quando vai por um caminho indicado pelo seu algoz:

“O lobo começou a correr com toda a sua força pelo caminho que era o mais curto, e a menina foi pelo caminho mais longo, divertindo-se em colher avelãs” (PERRAULT, 2007, p. 9).

Segundo, na casa da vovó, quando o Lobo a manda despir-se e se deitar na cama com ele:

“Chapeuzinho Vermelho se despiu e foi para a cama, onde ficou muito espantada de ver como a avozinha estava diferente” (PERRAULT, 2007, p. 8).

B – Chapeuzinho se esquece das recomendações da mãe, conversa com o Lobo e depois sai do caminho, chegando bem mais tarde na casa da vovó:

Chapeuzinho Vermelho arregalou os olhos, e quando viu os raios de sol dançando de lá para cá por entre as árvores, e como tudo estava tão cheio de flores, pensou: “Se eu levar um raminho de flores frescas para a vovó, ela ficará contente; ainda é tão cedo, que chegarei lá no tempo”. Então ela saiu do caminho e correu para o mato, à procura de flores (GRIMM, 2008, p. 7).

C – Chapeuzinho Amarelo ao encontrar o Lobo decide enfrentá-lo.

O tema principal das três versões é a ameaça que Chapeuzinho sofre de ser devorada pelo Lobo. Contudo, em Perrault, como não fora alertada pela mãe dos perigos da floresta, inicialmente, não se sente ameaçada. O medo só aparece quando chega à casa da avó e pensa escutar a voz do Lobo. Mesmo desconfiada, não toma iniciativa para fugir da situação. Na versão dos irmãos Grimm, Chapeuzinho também não se sente ameaçada. Recebera orientações da mãe, mas nada referente à presença de lobos na floresta. Assim, ao se deparar com um lobo, conversa com ele, dando-lhe todas as pistas acerca do endereço da vovó. Só se sente ameaçada ao chegar na casa da avó, quando verifica que a porta está aberta. Mas assim como a heroína de Perrault, nada faz para sair da situação. É válido evidenciar, porém, que, ao ser salva pelo caçador, demonstra temor e isso faz com que tome algumas decisões, mudando sua postura: a) “Chapeuzinho Vermelho trouxe depressa umas grandes pedras, com as quais encheu a barriga do lobo” (GRIMM, 2008, p. 15); b) “Nunca mais eu sairei do caminho sozinha, para correr dentro do mato, quando a mamãe me proibir fazer isso” (BUARQUE, 2010, p. 16). Através de suas ações, a Chapeuzinho dos Grimm pôde refletir sobre a transgressão e amadurecer.

A ameaça mais forte sentida por Chapeuzinho aparece, na verdade, em Buarque, pois Chapeuzinho Amarelo tinha vários medos:

Era a Chapeuzinho Amarelo.  
Amarelada de medo.  
Tinha medo de tudo,  
aquela Chapeuzinho.  
Já não ria.  
Em festa, não aparecia.  
Não subia escada  
nem descia (BUARQUE, 2010, p. 1).

Mas de todos os medos, um era o pior:

E de todos os medos que tinha  
o medo mais que medonho era  
o medo do tal do LOBO (BUARQUE, 2010, p. 6).

Chapeuzinho Amarelo vive amedrontada, deixando de lado tudo que é de direito de uma criança: brincar, correr, conversar com os amigos. No entanto, mesmo com medo do lobo, submete-se ao desafio de sair sozinha. A partir daí, a heroína passa a outra ação básica da efabulação: a de decidir se reage ou se continua a se intimidar com o lobo. Para o leitor acostumado com uma Chapeuzinho inocente e submissa, chama atenção o fato da Chapeuzinho buarqueana decidir pela primeira opção e enfrentar o lobo:

Aí, Chapeuzinho encheu e disse:  
 “Pára assim! Agora! Já!  
 Do jeito que você tá!” (BUARQUE, 2010, p. 22).

#### 4. Vitória

A – Chapeuzinho não reconhece o Lobo na cama da avó, obedece às suas ordens e é devorada pelo animal. A tarefa dada não fora cumprida por Chapeuzinho, assim, não houve um final de sucesso para a heroína:

“– Que dentes grandes a senhora tem, vovozinha!”  
 – É para te comer! Ao dizer essas palavras, o lobo mau se jogou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu” (GRIMM, 2008, p. 22).

Perrault é incisivo, não dando chances à Chapeuzinho de se salvar das garras do lobo. Seu objetivo, na verdade, é deixar uma lição para as mocinhas desobedientes ou desavisadas de certas atitudes masculinas.

B – Chapeuzinho, mesmo desobedecendo às orientações da mãe, consegue se salvar.

Na versão dos Grimm, há a mediação do caçador, que, ao escutar o lobo roncando, invade a casa da vovó, pega uma tesoura e abre a barriga do animal adormecido, salvando Chapeuzinho e sua avó:

O caçador passou perto da casa e pensou: “Como a velha está roncando hoje! Preciso ver se não lhe falta alguma coisa”. Então ele entrou na casa, e quando olhou para a cama, viu que o lobo dormia nela. – E aqui que eu te encontro, velho malfeitor – disse ele. – Há muito tempo que estou à tua procura. Aí ele quis apontar a espingarda, mas lembrou-se de que o lobo podia ter devorado a vovó, e que ela ainda poderia ser salva. Por isso, ele não atirou, mas pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. E quando deu algumas tesouradas, viu logo o vermelho do chapeuzinho, e mais um par de tesouradas, e a menina saltou para fora (PERRAULT, 2007, p. 13-14).

Para muitos psicanalistas, o caçador simboliza a figura paterna, a imagem protetora representada pelo sexo masculino.

Mesmo tendo sido salva pelo caçador na versão dos Grimm, os dois contadores deixam uma moral na história referente às ações corretas e inadequadas de uma criança.

C – Chapeuzinho Amarelo vence seus medos, ao enfrentar o Lobo.

Enfrentando o Lobo, Chapeuzinho Amarelo dissipa o medo de agir e volta a fazer tudo:

Aliás, ela agora come de tudo, menos sola de sapato. Não tem mais medo de chuva, nem foge de carrapato. Cai, levanta, se machuca, vai à praia, entra no mato, Trepa em árvore, rouba fruta, depois joga amarelinha, com o primo da vizinha, com a filha do jornalista, com a sobrinha da madrinha e o neto do sapateiro (BUARQUE, 2010, p. 24).

Chapeuzinho Amarelo encontra um lugar seguro no mundo quando consegue defrontar o lobo e desmistificá-lo. Daí, segue seu caminho com uma profunda confiança interior.

A cor do capuz de Chapeuzinho em Perrault e nos Grimm já antecipa a ideia de uma história aterrorizante, visto que o vermelho simboliza a cor do sangue, do perigo, da violência. Na versão dos Grimm, pode ser entendida, também, como a passagem do estado de infância para o amadurecimento. Chapeuzinho é punida com a morte, mas, ao renascer, demonstra reflexão em relação às suas ações. Já na versão de Perrault, Chapeuzinho não tem a chance de crescer, visto que é comida pelo Lobo.

Em Chapeuzinho Amarelo, a cor amarela representa medo ou receio a certas coisas. O que justifica inicialmente o medo que a Chapeuzinho tem do Lobo. Por outro lado, essa cor também representa o poder de discernir, julgar e decidir, o que justifica, posteriormente, a reação da menina frente ao Lobo:

Ele gritou: sou um LOBO!  
 Mas a Chapeuzinho, nada.  
 E ele gritou: sou um LOBO!  
 Chapeuzinho deu risada.  
 E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!  
 Chapeuzinho, já meio enjoada,  
 com vontade de brincar de outra coisa (BUARQUE, 2010, p. 19).

Nas três versões, a menina se depara com a dificuldade em reagir aos apelos do Lobo. Ora é devorada por ele, permanecendo no estado de inocência, como na versão de Perrault; ora aprende a enfrentar o inimigo com a ajuda de um adulto, como na versão dos Grimm; ora enfrenta o algoz sem ajuda de ninguém, como em Buarque. Essa última versão mostra uma Chapeuzinho independente, que não precisa da figura paterna, o caçador, para defendê-la. Contrária às duas versões tradicionais, ou seja, foge da ideia de uma aura infantil ingênua. Mas semelhante à dos Grimm, representa o amadurecimento da menina, o que é visível quando decide partir sozinha, tendo possibilidade de encarar seu maior medo.

O lobo que aparece como símbolo do Mal, uma ameaça à integridade da heroína dos contos tradicionais, inicialmente surge em *Chapeuzinho Amarelo* como lembrança aterrorizante na mente da heroína. Mas depois, frente a uma Chapeuzinho que pensa e age mediante seus

obstáculos, transforma-se em um lobo bobo, que não oferece mais perigo nenhum:

E o lobo parado assim  
do jeito que o lobo estava,  
já não era mais um LO-BO.  
Era um BO-LO.  
Um bolo de lobo fofo,  
tremendo que nem pudim,  
com medo de Chapeuzim.  
Com medo de ser comido,  
com vela e tudo, inteirim (BUARQUE, 2010, p. 22).

Na verdade, ao mostrar um lobo murcho e medroso, desmistifica-se a imagem construída nas outras versões, ou seja, de um lobo mau, artiloso e enganador. Faz-se necessário aqui considerar os aspectos espacial e temporal que contribuem para o repensar dos símbolos e seus significados.

O texto literário fornecido pelos contos tradicionais enriqueceu a nova versão a partir de uma representação de ideias, numa perspectiva mais atual para o imaginário infantil. É visível como os contos de fadas, ao serem revistos nos dias atuais, exercem uma influência considerável no imaginário contemporâneo. Por ser uma versão moderna, houve a possibilidade de desmontar e reconstruir o texto-base à luz de um olhar restaurador, que incidiu num rompimento com a tradição. A liberdade de inserção e/ou exclusão de elementos, a modificação na estrutura e nas ações das personagens originou um texto susceptível de novos significados, o que gerou um instigante diálogo entre os três textos.

Revisitando os símbolos, os arquétipos e os mitos, o universo da literatura encantada se perpetua. Chapeuzinho Vermelho, a mãe, o lobo, a avó e o caçador assumem novos papéis, mas continuam encantando o imaginário infantil.

## Referências

- AMORIM, Galeno (Org. ). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. 19.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. 25.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Chapeuzinho Vermelho*. Trad. Tatiana Belinky. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- JUNG, Carl Gustave. *Símbolos da transformação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- PROPP, Wladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. 2.ed. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

Recebido, p. 14 de abril de 2016  
Aprovado: 03 de julho de 2017  
Contato: [dediscar@yahoo.com.br](mailto:dediscar@yahoo.com.br)